ASSOCIAÇÃO JUINENSE DE ENSINO SUPERIOR DO VALE DO JURUENA
AJES
INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DO VALE DO JURUENA – ISE
CURSO: ESPECIALIZAÇÃO EM PSICOPEDAGOGIA

9,0

A IMPORTÂNCIA DA LEITURA PARA O DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA

Rogério Ricardo

Orientador: Ilso Fernandes do Carmo

ASSOCIAÇÃO JUINENSE DE ENSINO SUPERIOR DO VALE DO JURUENA
AJES
INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DO VALE DO JURUENA – ISE
CURSO: ESPECIALIZAÇÃO EM PSICOPEDAGOGIA

A IMPORTÂNCIA DA LEITURA PARA O DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA

Rogério Ricardo

Orientador: Ilso Fernandes do Carmo

*“Trabalho apresentado como exigência
parcial para a obtenção do título de
Especialização em Psicopedagogia”.*

CAMPO NOVO DO PARECIS/2007

RESUMO

A presente monografia é um trabalho monográfico exigido como parte essencial na conclusão do Curso de Pós-Graduação Especialização em Psicopedagogia. Optamos pelo tema “**A IMPORTÂNCIA DA LEITURA PARA O DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA**”, pois é de suma importância ampliar o poder de leitura de nossos educandos. Assim sendo, verificamos que a psicopedagogia exerce um papel fundamental, principalmente quando se trata do estímulo à leitura, pois se tornam acessíveis os conhecimentos necessários para o trabalho com as dificuldades de aprendizagem.

Evidenciamos que o trabalho com a leitura é essencial para a formação da criança e que, ao professor, parece bastantes evidente o escasso gosto pela leitura e que não está clara para ele a verdadeira concepção de leitura e a causa desse “desprazer” pelo ato de ler por parte dos alunos.

ASSOCIAÇÃO JUIENSE DE ENSINO SUPERIOR DO VALE DO JURUENA
AJES
INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DO VALE DO JURUENA – ISE
CURSO: ESPECIALIZAÇÃO EM PSICOPEDAGOGIA

BANCA EXAMINADORA

ORIENTADOR

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a DEUS, que sempre iluminou nosso caminho no decorrer do curso, capacitando-nos e possibilitando-nos a realização de nossos sonhos. E também fico grato a minha família que sempre nos apoiou no transcurso dos nossos estudos.

DEDICATÓRIA

*Dedico esta vitória aos meus mestres
que foram, além de tudo, amigos verdadeiros.*

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	07
CAPÍTULO I	
1 – A LEITURA CONTEXTUALIZADA.....	09
CAPÍTULO II	
2 - A LEITURA INFANTIL BRASILEIRA	13
CAPÍTULO III	
3 - A SERIEDADE DA LEITURA NO DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA	15
CAPÍTULO IV	
4 – O EDUCADOR E O ENSINO DA LEITURA NA ESCOLA.....	22
CAPÍTULO V	
5 – ANALISANDO O TRABALHO COM A LEITURA NAS TERCEIRAS SÉRIES DO ENSINO FUNDAMENTAL	31
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	38
REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICAS.....	41

INTRODUÇÃO

A falta de motivação dos alunos pela leitura vem gerando uma ampla lacuna inconcebível, afetando continuamente o desenvolvimento dos programas educacionais. Esse episódio provocou nossa indignação, que por impulso, levou-nos a elaborar esta monografia, visando abordar o problema na tentativa de minimizá-lo. Não temos uma receita infalível, muito menos temos a pretensão de sanar completamente as deficiências de leitura que as instituições de ensino enfrentam, uma vez que o problema é muito mais complexo do que se apresenta e vai muito além do que podemos enxergar. Entretanto, intuímos provocar uma releitura dessa situação caótica, num ensaio em que impugnamos nossa prática pedagógica, assim como os meios físicos com que a realizamos. Despojaremos aqueles discursos vazios e mecânicos que frequentemente os professores fazem uso de ambicionar construir bons leitores, atitudes mecânicas que não passam de utopias excêntricas, indo além da nossa realidade.

Primeiramente, é imprescindível discernir a realidade com mais lucidez para que possamos enxergar as raízes dos problemas, buscando inovações ou até soluções eficazes.

Dessa forma, elaboramos este trabalho monográfico, abordando a temática “O ensino da leitura para as crianças”. Sabemos que a ação educativa deve ser um processo que desperte interesse nos educandos. Para isso, a leitura deve ser atrativa para o pequeno leitor, principalmente, o trabalho feito nas séries iniciais.

Temos a confiança plena de que a leitura é muito eficaz na construção intelectual da criança, porque é através dela que o aprendiz desenvolve seu potencial crítico,

adquirindo visão de mundo muito superior a qualquer método de ensino. Devemos nós, profissionais da educação, trabalhar de uma maneira adequada no sentido de impulsionarmos o educando na investigação de novas interpretações da realidade que o rodeia.

MOLINA (1982:22) diz que:

“A leitura deve ser algo variado, festivo, exultante e enriquecedor. Quando se chega a ponto de assim considerá-la, talvez uma definição científica e precisa torna-se inútil porque um valor infinitamente maior for alcançado”.

É necessário que saibamos como fazer o educando a tomar gosto pela leitura, conseguir com que resgate nas obras literárias infantis o manancial de conhecimentos de que necessite, formando leitores realmente críticos. De outra forma, tentar afetar emocionalmente o leitor mirim e ajudá-lo a trilhar os caminhos virtuosos do saber.

No primeiro capítulo do trabalho, nós apresentamos a leitura do contexto educacional do Brasil, bem como uma breve contextualização sobre a literatura infantil no Brasil.

No segundo capítulo, tratamos da importância da leitura para o desenvolvimento da criança acerca de boas atitudes, valores e de suas necessidades básicas.

No terceiro capítulo, falamos sobre o educador e o ensino da leitura em duas escolas municipais com entrevistas e observações, oferecendo sugestões para o trabalho com a leitura nas séries iniciais.

CAPÍTULO I

1 – A LEITURA CONTEXTUALIZADA

A instrução nas escolas, de uma forma global, tem sofrido intensos melhoramentos, como a criação do Plano Decenal de Educação para todos e a elaboração dos Parâmetros Curriculares Nacionais. Na visão de alguns artífices, teóricos educacionais como Ezequiel Theodoro da Silva, Paulo Freire, tratam-se de reformas dependentes às instâncias capitalistas e às inúmeras manipulações das elites dominantes no país, porque criam múltiplos programas educacionais e não dão condições suficientes para execução nas escolas.

Para entendermos esse fato, observemos na mídia, a propagação falsa de uma educação de qualidade, recheada de boa merenda escolar, livros didáticos para diversas áreas, bibliotecas escolares e materiais pedagógicos necessários aos professores e alunos. É um modo inteligente de dissimular a real conjuntura do caos instalado na maioria das escolas públicas brasileiras.

Se programas educacionais fossem executados conforme as propagandas veiculam, a situação das escolas seria bem melhor e todos realmente teriam acesso às escolas como rezam as estatísticas elaboradas pelo Governo.

A nossa consciência educadora tornou-se tão cristalizada que não percebemos que o estopim dessa bomba está queimando mais rapidamente do que a nossa lenta percepção dos fatos que envolvem o futuro da nação. Talvez, seja tarde demais quando darmos conta da verdadeira situação.

A nossa política educacional precisa desenvolver-se urgentemente antes que o peso desse fardo seja impossível de arrastá-lo.

A leitura, nesse ínterim, é o aspecto fundamental deste contexto educacional. Quando nos referimos à leitura, não estamos entendendo-a como uma mera decodificação de símbolos, mas uma leitura de mundo que não tem o seu referencial apenas nas palavras, mas também na ação-reflexão-ação.

Sobre a finalidade da leitura nas escolas, SILVA (1991:48) diz-nos claramente que:

“[...] ler para compreender os textos, participando criticamente da dinâmica do mundo da escrita e posicionando-se frente à realidade, é a finalidade básica que estabelecemos para as práticas da leitura na escola”.

Havia uma época no mundo em que a leitura era privilégio de poucos. O conhecimento era um segredo guardado para uma minoria de indivíduos astutos, como membros do mais alto posto da pirâmide social, cuja atividade peculiar era exercer o domínio sobre “as classes inferiores”, cultural, política e economicamente.

Os documentos daquele passado medieval eram extremamente proibidos. Acessá-los sem prévia autorização era motivo certo de prisão ou morte. A Igreja pregava o castigo de Deus contra aqueles que “queriam saber demais”.

Entretanto, gradativamente, a leitura foi expandindo os seus referenciais e vários fatos históricos importantes foram comunicados através da leitura e da escrita.

O quadro que temos hoje é a apatia generalizada pela leitura, o desapego genérico dos alunos, a falta de motivação dos educadores a habilitarem o estudante a ter gosto pela leitura.

Atualmente, percebemos uma sociedade viciada em imagens, ícones e símbolos, frutos do lado negro da televisão e do computador, não desejando menosprezar os benefícios que esses aparelhos trouxeram à sociedade. Os alunos se prendem a um processo mecânico, balbuciando palavras sem significado, pois são incapazes de suscitar na imaginação uma idéia promissora e produtiva. Não enxergam mais do que palavras frias. Interessam-se mais pelas figuras, pelo fato de despenderem menos energia para captá-las.

Fora estes aspectos, ainda há os professores desabitoados ao ato da leitura, cujos textos que selecionam para o trabalho na escola, não possuem vinculação alguma com o mundo interior do educando, com a realidade que o cerca.

SILVA (1991:7) enfatiza que, “[...] *cá entre nós, um bom professor de leitura e um bom livro podem fazer miséria, ou melhor, podem combater frontalmente a nossa miséria cultural*”.

Os métodos escolares têm destinado aos alunos muitas informações orais, ou seja, apenas através de aulas expositivas, não permitindo a busca do conhecimento por meio de leituras.

A leitura é uma prática que não pode estar desprendida do pensamento do aluno. Ela deve envolver o leitor. É preferível que a leitura propicie prazer ao estudante a se ver o mesmo obrigado a realizar esta atividade. Neste episódio, ela será simplesmente uma atividade obrigatória que jamais possibilitará descobertas e motivações para outras construções.

LAJOLO (1994:19) nos traz essa contribuição relatando partes da história ou períodos. Segundo ela, o primeiro documento, nesse sentido, vem de 1835 e “*Compara a política educacional brasileira com a dos países vizinhos da América*”.

Aproximadamente, trinta anos mais tarde, por volta de 1863-64, um outro documento sublinha o descaso da língua materna e da leitura, além de registra a insatisfação pela baixa remuneração do magistério.

FRASÃO (1963:18) escreve o seguinte:

“[...] quais são os homens que entre nós se ocupam do magistério? Ou antes: é esta entre nós, uma profissão? Não, nenhum homem que dispõe de certo cabedal de conhecimentos deixa ocupações muito vantajosas para se dar a uma vida inglória e penosa, a um sacerdócio todo de abnegação como o magistério”.

Estamos no século XXI e ainda carregamos aquela concepção errônea sobre a leitura, vendo-a apenas como uma decodificação superficial de símbolos, costuma-se não aceitar seus propósitos, a de ser instrumento necessário para a aquisição do conhecimento. Temos esperança de que a leitura ainda ganhe a importância devida e se torne peça fundamental na construção de uma sociedade menos egoísta e mais cidadã.

Na época da colonização brasileira, o ensino da leitura, através dos jesuítas, destinava-se à formação das elites burguesas para exercerem a hegemonia cultural e política sobre os dominados.

As reformas Pombalinas iniciaram a expulsão dos jesuítas do Brasil, empregando na ocasião os métodos europeus através do ensino de linguagem e gramática.

No império, com D. João VI no poder, houve também um momento de grandes realizações, como a criação da Biblioteca Real, que na época contava com mais de 60 mil volumes. Isso evidenciava a preocupação do imperador com a leitura na vida do educando e da sociedade.

CAPÍTULO II

2 - A LEITURA INFANTIL BRASILEIRA

No Brasil, a literatura infantil só começou a esboçar-se no final do século XIX, quando a preocupação educacional se tornou uma realidade.

Conforme CARVALHO (1987), os contos de fadas têm suas procedências numa era muito remota. Os contos sofreram grande decadência no século XVIII, porque as “histórias” que eram escritas tinham de ser verossímeis, que pudessem ser explicadas racionalmente, caso contrário, não eram valorizadas.

No começo do século XIX, o romantismo trouxe novamente à tona as histórias repletas de encantamentos e magia que atraíam o interesse de crianças, jovens e adultos.

Conforme ZILBERMMAN (1988), a literatura infantil é uma linha recente. Em 1894, Alberto Figueiredo Pimentel divulga a primeira Coletânea de histórias folclóricas e de fadas “Contos de Carochinha” (1896), “Histórias da Baratinha” e ainda uma relacionada coletânea de poesias: “Álbum das Crianças” e obra teatral: “Teatrinho Infantil”. Há um livro muito atraente denominado “Os meus brinquedos”. Nesta obra, ele oferece uma surpreendente transformação de entretenimento infantil, iniciando pelas cantigas de ninar até jogos, brincadeiras etc. No ano de 1915, ele divulga a primeira tradução de “O Patinho Feio”, de Andersen.

O pioneiro a fazer literatura infantil foi o Prof. Thales Castanho de Andrade, paulista, em 1918 que lançou “A Filha da Floresta” e “Saudade”.

Apareceram também autores importantes como: Vicente Paulo Guimarães, Nina Salvi, Lúcia de Almeida e Érico Veríssimo.

Monteiro Lobato surge em 1921 quando deu início a uma nova era da literatura infantil com a publicação de seu primeiro livro para crianças: “A menina do Narizinho Arrebitado”. Lobato é considerado o maior escritor brasileiro de contos infantis. Por meio de sua obra, a Literatura Infantil Brasileira de um grande impulso, difundindo-se rapidamente com sucesso.

CAPÍTULO III

3 - A SERIEDADE DA LEITURA NO DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA

O infante tem de considerar a leitura como uma prática de deleite, atraente e importante. Convém que ele perceba que a leitura lhe proporciona mais autonomia em relação a suas atividades cotidianas, ampliando as fronteiras do próprio conhecimento pela aquisição de informações tanto pueris quanto complexas.

É imprescindível que o professor adote também a prática da leitura, incentivando as crianças desde os primeiros momentos na escola. O bom tutor traz à sala de aula excelentes textos de grandes mestres da literatura, estimulando o interesse da criança pelo acesso a eles. Os autores a que nos referimos devem fazer com que a criança leia e sinta anseio de ler outra vez, desenvolvendo nela o bel-prazer pela leitura.

A relação com a literatura infantil deve ser a maneira mais preciosa e agradável de revelar que a leitura perpetua nosso dia-a-dia. É tarefa de o docente amparar seus educandos a “dialogar” com os autores, decodificando nas entrelinhas o sentido implícito, explanando e abrangendo com lucidez as missivas imprimidas. É correto afirmar que não podemos constituir leitores capazes, dando-lhes leituras pobres, principalmente quando a criança descobre o mundo da leitura. É importante que a escola incorpore novas informações à cultura que ela já possui.

É natural que uma boa leitura faça sentido à criança, no entanto, é importante que seja uma atividade bem trabalhada, de modo que o aluno apreenda o significado das palavras. Dentro desses parâmetros, é fundamental que o professor excite a leitura na sala de aula, pois sabemos da sua importância para o desenvolvimento psicológico e social do aluno.

A leitura faz com que o aluno tenha uma nova visão de mundo, liberando suas fantasias, criando novos padrões de pensamentos e abstrações acerca da realidade que o envolve no mundo.

É sabido o quanto a leitura aumenta a criatividade da criança, atribuindo-lhe sentido às emoções, por isso a leitura não deve ser usada de forma mecânica ou como memorização, mas vista como uma atividade autêntica e consciente.

A leitura não tem valor para a criança quando ela é imposta pelo professor. Tornar-se-ia cansativa e tediosa. O educador deve aplicá-la com esmero, fazendo com que seus alunos desenvolvam momentos de leitura agradáveis de modo que possa motivar a eles, motivando-os a persistirem o procedimento de leitura fora da sala de aula.

A leitura faz com que a criança vivencie seus sonhos e realizem de forma imaginária, novos conhecimentos.

FERREIRO (1996:103), fala-nos que:

“Um ato de leitura é um ato mágico. Alguém pode rir ou chorar enquanto lê em silêncio, e não está louco. Alguém vê formas esquisitas na página, e de sua boca sai linguagem que não é a de todos os dias, uma linguagem que tem outras palavras e que se organiza de uma outra forma”.

Na pré-escola, as historinhas que o professor conta às crianças é uma das atividades mais legais para elas, pois à medida que o tutor vai contando a estória, o aluno começa a imaginar os fatos. Está aí uma prova real dos benefícios da prática da leitura escrita ou oral.

A tendência é que essa predisposição pela literatura provoque na criança uma sensação de autonomia e confiança, dando-lhe capacidade de formar suas próprias idéias baseadas nas obras que leram.

O processo da leitura não pode ser uma atividade exclusiva do banco escolar, ele deve estender-se às ruas, bibliotecas e praças públicas. Que seja uma atividade em que o homem possa ter pleno anseio de realizar todos os dias em todos os lugares, até mesmo sentado numa privada.

O pleno domínio da escrita e da leitura altera o universo pequeno da criança sem conhecimentos para um universo mais complexo e rico em possibilidades.

FREIRE (1999:21) diz-nos que:

“É neste sentido que a leitura crítica da realidade, dando-se num processo de alfabetização ou não e associada sobretudo a certas práticas claramente

políticas de mobilização e de organização, pode constituir-se num instrumento para o que Gramsci chamaria de ação contra-hegemônica”.

A leitura tem um significado muito amplo e cabe, a nós, educadores, explorar esse instrumento e mostrar aos nossos educandos a importância do ato de ler como um recurso para a ampliação de nossos conhecimentos, pois é através dela que obtemos informações sobre tudo o que está a nossa volta, porque a escrita está em toda parte nos comunicando algo.

É através da leitura que passamos a conhecer as leis e os métodos de prevenção de doenças. Ela nos auxilia a irmos de um lugar para outro, a comprar, vender, escolher, enfim, ela está presente em nossas vidas cotidianamente. Por isso, é que a prática da leitura na Escola não pode ser algo esvaziado de significação.

SMOLKA (1993:80) salienta que: *“Trabalhar com a literatura infantil na escola implica em conhecer e considerar o caráter originariamente pedagógico, ético e pragmático desse gênero como produto cultural”.*

Através da literatura infantil, o aluno desenvolve sua capacidade de identificar a situação na qual a solidariedade se faz necessária, as formas de atuação solidária em situações cotidianas ou específicas, tendo sensibilidade para ajudar as pessoas quando necessário.

Na medida em que a criança cresce, ela vai se construindo socialmente, é que nos diz LAJOLO (1993: 26):

“Em movimentos de ajustes sutis e constantes, a literatura tanto gera comportamentos, sentimentos e atitudes, quanto prevendo-os, dirige-os, reforça-os, matiza-os, atema-os; pode revertê-los, alterá-los. É, pois, por atuar na construção, difusão e alteração de sensibilidades, de representações e do imaginário coletivo, que a literatura torna-se fator importante na imagem social, por exemplo, de criança e de jovem”.

Dessa forma, é a função da escola despertar o aluno para a leitura, oportunizando momentos em que seja possível a interação entre leitor e o texto e, para isso, é necessário que a criança tenha capacidade de reconhecimento e percepção. É necessária que a escola ofereça boas perspectivas de leitura para que forme leitores conscientes de sua importância na formação de outros leitores, ou seja, na produção cultural da sociedade.

O teatro, as encenações são métodos eficientes para desenvolver o gosto pela leitura. As ilustrações de historinha contadas pelo professor também auxiliam a interpretação do que foi lido. A leitura é muito importante e deve estar presente no currículo escolar, pois, para que o cidadão possa exercer sua verdadeira cidadania, é necessário que o mesmo lance

mão da leitura e torne-se um bom usuário, ou seja, um leitor maduro que, quando lê, constrói junto com o autor.

SILVA (1991:40) diz-nos que:

“A leitura deve sofrer uma mudança radical na forma como vem sendo concebida e praticada. Ainda que não queira e nem possa generalizar a afirmação para todas as instituições escolares brasileiras, o que se observa é a colocação das práticas da leitura como verdadeiras camisas-de-força para os estudantes”.

Para que haja esse aprimoramento do potencial da leitura nos educandos, torna-se necessário um trabalho adequado dos educadores dentro da escola, com a finalidade de atrair as crianças para a leitura e não afastá-la da mesma, mandando-a apenas ler e não a envolvendo de maneira significativa e democrática nas situações de leitura.

A leitura é um instrumento que, quando bem empregada, pode transformar o indivíduo, pois a mesma não é uma atividade passiva. Assim o ensino da leitura como qualquer outro conteúdo, deve estar teoricamente bem fundamentado para que consiga desenvolver no aluno a sua expressão e argumentação oral. Assim como deve proporcionar ao aluno condições para que socialize suas idéias, experiências e opiniões, desertando-lhe conseqüentemente o gosto pela leitura não somente pela leitura/informação, mas também por sua formação como cidadão participativo desta sociedade onde poucos têm o acesso e muitos são explorados.

SILVA (1991:125) salienta que:

“A prática da leitura é imprescindível aos homens e aos povos; sem ela, não haveria progresso, acumulação de conhecimentos, transmissão e evolução do saber, registro da memória dos homens”.

Percebemos, então que há uma grande necessidade de se ampliar o conceito de leitura, pois não pode ficar restrito ao sentido de decorar, soletrar, decodificar palavras ou textos. O aprender sem aprender não possibilita a compreensão verdadeira sobre a função da leitura, o seu papel na vida do indivíduo na sociedade. Enquanto o conceito de leitura está geralmente restrito à decifração da escrita, sua aprendizagem, no entanto, liga-se por tradição ao processo de formação global do indivíduo, a sua capacitação para o convívio e atuação social, política e cultural.

É de suma importância que a escola ensine o educando a ler, não só a escrita, mas também o mundo, dar sentido a ele. Deve criar condições para que o aluno realize sua própria aprendizagem, de acordo com seu interesse e necessidades, segundo as dúvidas e exigências que a realidade apresenta.

A leitura da escrita deve originar de um conhecimento da realidade que quer transmitir e levar a um conhecimento mais amplo. Assim, a leitura passa a possuir significação quando se apropria da mensagem e relaciona-a com experiências que já vivenciou, pois a primeira leitura que se faz àquela em que se lê a realidade através de reflexões e experiências e, a partir desta, a leitura da escrita ganha vida e significação.

É na escola que o aluno irá compreender os diferentes usos da leitura e, também, irá aprender a usá-la de acordo com os seus interesses. Nesse sentido, é importante que o professor desenvolva melhor o nível da própria leitura, porque a falta de gosto do professor pela leitura é o reflexo de uma sociedade que também não lê.

As estórias infantis são formas de enriquecimento das aulas de leitura, desde que o professor leia estas estórias com eloquência e entonação, pois o primeiro leitor deve ser o educador.

A formação do aluno-leitor está ligada à competência e compromisso do professor em trabalhar e valorizar sua leitura, desenvolvendo as habilidades para a formação de conceitos e opiniões bem fundamentadas. Daí, então, a importância do professor no processo de mediação do conhecimento.

Necessário se faz uma biblioteca na escola porque muitas vezes a criança não lê porque não tem o que ler. Com dificuldades financeiras, muitas famílias deixam de comprar livros e isso dificulta o despertar pelo prazer de ler. Porém o professor deve lançar mão daquilo que tiver em seus próprios materiais para ler para as crianças (revistas, livros e jornais). Se o professor sistematiza essa atividade, todos os dias os alunos esperarão por ela.

A leitura infantil auxilia na formação completa do indivíduo. Sua primeira função é servir como objeto de contemplação, deleitando o espírito do leitor, servindo de fonte de sugestão, evasão e recreação. A literatura ajuda a criança a satisfazer suas necessidades básicas de segurança.

Toda criança é egocêntrica. É a leitura e o conhecimento de bons livros que a ajudam a sair desse egocentrismo. Aos poucos, ela começa a desejar segurança também para os outros.

A leitura de bons livros dá a criança à visão de mundo novo, de cenas variadas e ele, muitas vezes passa pelo que os psicólogos denominam mecanismo “do sonho acordado”, pela realização imaginária de experiências que ela desejaria viver.

Além de satisfazer as necessidades básicas da criança, a literatura contribui decisivamente, para a formação de atitudes.

Finalidades didáticas da literatura: fixar conhecimentos já adquiridos e transmitir novos conhecimentos à criança; conduzir a criança a ler bem e entender o que lê; orientar e disciplinar a atenção; globalizar os ensinamentos, ampliar o círculo de conhecimento histórico, geográficos e humanos; aperfeiçoar a pronúncia, a articulação e dicção, enriquecer o vocabulário e conhecer melhor a língua vernácula; iniciar o educando na literatura, levando-o a conhecer os principais vultos dos países; iniciá-lo na ciência e nas artes; propiciar cultura e educação.

Finalidades psicológicas da literatura: sugestionam a criança as coisas boas e belas, para formar sua conduta; despertar os valores e as tendências para cultivá-lo ou combatê-lo, plasmando o caráter; criar o hábito da leitura e a disciplina do raciocínio; estimular a inteligência e a imaginação; sublimar e transferir impulsos; corrigir conceitos e atitudes; usar com habilidade a ação moralizadora, elevada e humana da arte, na formação da criança e dos adolescentes, despertando-lhes bons sentimentos; fazer da leitura um instrumento de satisfação e alegria, para que ela se infiltre na alma infantil e a acompanhe até a idade adulta.

Finalidades sociais da literatura: A linguagem é o instrumento mais poderoso e expressivo da criança, como meio de comunicação e, conseqüentemente, de socialização. Congrega ou reúne as crianças para as histórias; desperta nelas o desejo de contá-las, de transmiti-las, leva a criança a tomar conhecimento de outras partes do mundo, de outros povos, de outras raças; mostra-lhe a necessidade das relações humanas, da interdependência entre as criaturas; desperta o sentimento de respeito, cavalheirismo, de boas maneiras, desembaraça as atitudes, tirando-lhes a timidez, por meio das declarações, leituras, contos de todo tipo de reprodução oral.

O teatro é o mais poderoso instrumento da socialização da criança na escola; ressalta os diferentes tipos de temperamentos humanos, a fim de que a criança aprenda a conviver e a defender-se na sociedade.

Finalidades morais da literatura: imprime na criança o entusiasmo pelas boas ações e os bons sentimentos; mostra-lhe a vitória do bem, e o insucesso do mal; desperta na criança o amor pelas coisas do espírito, a admiração pelos justos e pelos bons; estimula o sentido da verdade, da bondade, do amor ao próximo. Do altruísmo, da compreensão

humana., conduz a criança à nobreza de caráter, através de exemplos de culturas e personagens que impressionam pela sua grandeza moral; ressalta o respeito e o amor à Pátria, aos pais, à família e ao seu semelhante; exalta na criança a admiração pela natureza e o amor pelo seu Criador, cultiva nela todos os valores morais e espirituais que a boa leitura inspira inclusive o amor aos animais e às plantas.

OLIVEIRA (1996:76) fala sobre a importância da literatura infantil, dizendo que: *“A literatura infantil é esse tesouro precioso capaz de levar o leitor a transpor céus e mares e lavá-lo a experimentar o medo, a solidão e a tristeza, onde fantasia e imaginação se encontram”*.

Segundo ela, o ato de ler é imprescindível para que o aluno exercite seu processo criador, registre seus inventos, alargue seus horizontes culturais e reordene sua percepção da realidade; Assim, cabe ao educador preparar o ambiente e estimular a criança a desenvolver sua criatividade.

SILVA (1991:115) fala-nos sobre a importância da biblioteca escolar:

“Não seríamos ingênuos em afirmar categoricamente que a biblioteca escolar exerceu um papel preponderante em nossa formação de leitor. Mas nem por isso devemos menosprezar o seu potencial ou parar de lutar pela sua implantação no contexto das escolas brasileiras”.

Segundo o autor, as bibliotecas escolares são importantes para o desenvolvimento do gosto pela leitura nos educandos, porém os educadores devem procurar formas de trabalhar bem a leitura, mesmo com a ausência de uma boa biblioteca, ou seja, o ato pedagógico deve estar preparado para enfrentar mais esse desafio.

CAPÍTULO IV

4 – O EDUCADOR E O ENSINO DA LEITURA NA ESCOLA

Devemos ressaltar que os problemas com os quais nos deparamos a respeito da leitura não são recentes, ao contrário, são processos históricos carregados de ideologia da classe dominante.

Outrora, a leitura era privilégio dos ricos e poderosos, pois somente os filhos de senhores feudais e o clero tinham acesso à escola. Hoje, em decorrência do desenvolvimento das sociedades, da expansão do capital, este quadro mudou e assim, a classe popular conquistou o direito de ter acesso à aprendizagem da leitura e da escrita. Isso se deve à democratização da escola para “todos”, defendida por “Comênio” já no final do século VXVIII.

Sabe-se que entre os antigos, o aprendizado era baseado em disciplina rígida, por meio dos métodos analíticos, onde primeiramente, decorava-se o alfabeto, passava-se para o processo de soletração e, por fim, decodificavam-se palavras isoladas até chegar a textos contínuos.

Apesar dos séculos de civilização, a situação não parece muito diferente, pois os educadores não conseguiram separar a prática jornalística e mecânica e, assim, para a maioria dos educandos, aprender a ler resume-se em decorar signos lingüísticos.

O ato de ler permite o conhecimento sobre os indivíduos, suas características sobre as diversas culturas de diferentes grupos sociais. Motiva tanto a fantasia, a curiosidade, como também auxilia na percepção consciente da realidade, oferecendo instrumentos de análise e crítica e ao mesmo tempo capacitando o indivíduo para apontarem alternativas.

Nos dias atuais, a leitura passou a ser elemento fundamental na vida do indivíduo. Ela faz parte da vida e é através do domínio da mesma que podemos nos comunicar e interagirmos dentro dessa sociedade em desenvolvimento e que se apresenta dividida em classes. A escola não pode ficar alheia às transformações que vem ocorrendo no mundo. Ela precisa fazer parte da sociedade, pois a escola é a instância onde se dá a produção e ampliação do conhecimento. Já que a escrita é uma meio importante na circulação de idéias, cabe à escola inserir o aluno no mundo da leitura de forma adequada, organizada e prazerosa para o educando.

SILVA (1991:25) faz o seguinte questionamento:

“Será que nosso professor possui condições para ser sujeito das leituras que ele faz, para poder ele fundamentar as suas práticas pedagógicas e, dessa forma, colocar-se com um exemplo de cidadão junto a seus alunos?”

Para se entender como se dá o ensino da leitura na escola, dentro da sala de aula, deve-se analisar que concepção de leitura tem o professor que está à frente do processo. Assim, para que se possa obter um leitor voltado para os trabalhos do cotidiano e as transformações necessárias para uma sociedade participativa e crítica, precisa-se definir qual a formação necessária ao professor para que leia e ajude na construção de alunos leitores. O educador deve ter dois compromissos, isto é, um com o conhecimento e outro com as metodologias que serão usadas para a socialização desse conhecimento junto a seus alunos.

Para isso, é necessário que o educador reflita sobre o uso e a importância da leitura.

SILVA (1991:79) enfatiza que são necessárias respostas às seguintes perguntas para que se possa superar as concepções erradas sobre leitura:

- Por que e para que ensinar leitura na escola?
- De que tipo de leitor a sociedade brasileira realmente precisa?
- Quais os textos que devemos privilegiar para o encaminhamento da leitura?
- Que metodologias devemos usar para a orientação das práticas de leitura nas escolas?

Isso quer dizer que o professor deve deixar de ser um mero transmissor de conteúdos e técnicas e passar a ser aquele que orienta e facilita a aprendizagem, devendo aprofundar-se nos conteúdos referentes às questões da leitura, tendo conhecimento das particularidades de seus alunos, atentando para os interesses e possibilidades de cada um.

A prática cotidiana da leitura deve levar os alunos a encontrarem utilidades nesse processo, e uma das formas para consegui-lo é quando ele passa a perceber que seu professor também é um leitor assíduo e que este se posiciona de forma crítica e competente diante dos acontecimentos quotidianos.

A personalidade do professor e seus hábitos de leitura são essenciais para desenvolver nos alunos o gosto pela leitura.

LAJOLO (1993:106) fala-nos que:

“É a literatura, como linguagem e como instituição, que se conftam os diferentes imaginários, as diferentes sensibilidades, valores e comportamentos através dos quais uma sociedade expressa e discute, simbolicamente, seus impasses, seus desejos, suas utopias”.

Para que o educando possa entender a importância da leitura, é necessário que o professor favoreça situações que propiciem um diálogo com o educando sobre a leitura, os diferentes sentidos que pode ter para cada educando, algo escrito, desenhado, pitando, paisagens naturais, ou seja, as diferentes formas que cada um tem de interpretar uma situação real, imaginária ou suposta.

O educador é um dos pólos mais decisivos no contexto escola, pois é ele quem pode criar e promover, dentro da sala de aula, o bem-estar emocional da criança, aliviar suas tensões, problemas e propiciar um espaço onde ela possa se sentir bem acolhida, onde não há reprimendas que a humilhem. Assim, haverá trocas de conhecimento, pois o aluno não terá medo de perguntar ou expor suas idéias para o professor ou para a classe. A interação e a informação lingüística são necessárias para a construção do conhecimento. O papel do professor é o de mediador, facilitado, que interage com os alunos através da linguagem num processo dialógico.

A aquisição da linguagem, por parte do aluno vai ampliando de acordo com o ambiente social em que ela está inserida. As socializações auxiliam muito a ampliação da linguagem. O professor deve trabalhar o uso e a funcionalidade da linguagem, o discurso e as condições de produção.

Os estudos sobre a psicogênese da língua escrita possibilitam desviar o outro do trabalho do professor para o ser que aprende e sua relação com o objeto de aprendizagem.

SMOLKA (1993:80) salienta que:

“Trabalhar com a literatura infantil na escola implica, além de conhecer e considerar o caráter originariamente pedagógico, ético e pragmático desse gênero como produto cultural, forjar e constituir a dimensão lúdica e

estética, fantástica e maravilhosa dos textos e das atividades de leitura e de escritura com as crianças; implica trabalhar não só a leitura, mas a autoria do texto escrito”.

Quando as crianças entram para a escola para aprender a ler e a escrever, o primeiro – e, na esmagadora maioria das vezes, o único modelo de texto escrito que recebem para copiar é do livro didático. Sabendo que estão na escola para aprender a lidar com a escrita (seja para ler ou escrever) e levando muito a sério o que fazem as crianças ao receberem os textos escritos contidos nesses livros, como único modelo de escrita, elas construirão uma concepção de “texto escrito” que combina com o modelo único que abrange somente este tipo de texto. Se analisarmos os textos presentes nos livros, em termos de coesão e coerência, veremos o porquê das crianças possuírem problemas sérios ao realizarem suas produções futuras.

Para o livro, é fácil “montar” (e também “desmontar”. Para os livros, basta juntar sílabas (quase que aleatoriamente) para formar palavras, juntar palavras para formar frases e frases para formar um texto. Na concepção de texto escrito desses livros, o texto teria um significado vindo do significado que as palavras tem por si, do sentido próprio de cada palavra. Só que o fato que a cartilha nunca leva em consideração é que o texto não é uma mera seqüência de palavras ou frases, mas uma relação entre as palavras, frases e trechos inteiros do texto.

Segundo SILVA (1991:15):

“Não são poucas as pesquisas brasileiras que mostram ser a escola uma das responsáveis pelo afastamento entre estudantes (jovens e crianças) e livros – que é paradoxal, pois ela deveria ser a formadora de leitores e a agente pelo desenvolvimento do gosto pela leitura.”.

Aprender a ler significa também aprender a ler o mundo, dar sentido a ele. E as função do professor não é apenas de ensinar a ler, mas a de criar condições para que o aluno realize a sua própria aprendizagem, de acordo com seus interesses e necessidades, segundo as dúvidas e exigências que a realidade apresenta. A leitura não é um processo solitário, é interação verbal entre indivíduos socialmente determinados, ou seja, o leitor e o autor.

Segundo SORDI (1991), assim como a criança, a leitura também passa por fases que devem ser observadas antes de pretendermos exigir da criança uma leitura que esteja além ou aquém de suas capacidades.

- Estórias de animais (quatro a seis anos) – Os animais personificam os seres humanos. As crianças revivem suas experiências através das personalidades.

- Sete a onze anos – As crianças querem dilatar o seu meio, ver coisas novas, horizontes desconhecidos. Além de estórias de animais, começam a apreciar a fantasia. É a hora do maravilhoso, do fantástico, do impossível, das surpresas inesperadas, das emoções. Estórias encantadoras que levam as crianças a um mundo completamente diverso, daquele em que vivem. Surgem as bruxas, as fadas, os anões, os gênios, os gigantes, etc. Esta fase atinge mais ou menos os nove anos de idade e se chama mundo maravilhoso das estórias fantásticas.
- Dez a onze anos – As crianças começam a desprezar a fantasia, embora esta aguarda sempre, para voltar, ao elemento humano. Gostam de estórias reais, mais impregnadas de romantismo. Apreciam a combinação da realidade e a fantasia.
- Doze aos dezesseis anos – Inicia-se a adolescência, predominando o realismo, o gosto pelas novelas sentimentais em que predominam emoções.

Conforme SORDI (1991:3), *“Cabe à escola formar e sistematizar o hábito de leitura, observando alguns fatores: O aspecto visual do livro, a lustração, tempo disponível para ler e a escolha do livro”*.

Segundo a autora, os primeiros livros lidos pela criança têm o poder de motivar o prazer para a leitura ou para desestimular, para sempre, o gosto pela leitura.

LAJOLO (1993:2):

“O professor de Português deve estar familiarizado com a história do ensino da Língua Portuguesa no Brasil, com a história da alfabetização, da leitura e da literatura na escola brasileira. Pois só assim poderá perceber-se num processo que não começa nem se encerra nele, e poderá, no mesmo gesto, tanto dar sentido aos esforços dos educadores que o procederam, como ainda sinalizar o caminho do qual o sucederão”.

O professor preocupado em formar bons cidadãos leitores sabe o quanto é importante indicar o livro certo à criança certa, pois a leitura é um meio pela qual o indivíduo se auto-realiza pela satisfação pessoal na comunicação. Ela é a mola mestra para o desenvolvimento do raciocínio. Sabemos que toda criança que ingressa na escola traz consigo uma bagagem lingüística já bastante avançada que é adquirida no convívio com as pessoas e no ambiente em que vive. Assim, as pessoas que praticam o ensino de leitura devem respeitar a individualidade do aluno e ter consciência de que em suas mãos estão várias personalidades, cada uma diferente da outra, na sua maneira de pensar, de agir, de falar e mesmo em experiência de vida.

SORDI (1991:4): diz-nos que:

“Para descobrir de que a criança gosta nada melhor que as conversas informais: no recreio, no trajeto de casa ou até mesmo na sala de aula. A própria redação é um meio eficaz para descobrir os gostos pessoais, quando o título for, por exemplo: “Se eu fosse...” “Gosto muito de...” etc.”.

O indivíduo aprende a ler a partir do seu contexto, das suas experiências de vida e esse contexto e essas experiências têm que ser valorizadas para que o indivíduo possa ir além disso.

A formação do sujeito-leitor depende da metodologia e concepção do professor. E, se o professor desenvolve seu trabalho baseado na concepção de leitura apenas como decodificação de signos, nunca formará esse leitor, pois ele é fruto de um trabalho que deve lhe possibilitar ver o mundo com mais clareza, sendo crítico da realidade, porque a leitura forma o indivíduo intelectualmente, capacita-o para o convívio e atuações sociais, política, econômica e cultural.

OLIVEIRA (1996:22) enfatiza:

“Uma obra literária é aquela que aponta a realidade com uma roupagem nova e criativa, deixando espaço ao leitor para entrar na sua trama e descobrir o que está nas estrelinhas do teto. Um dos critérios a serem considerados para avaliar uma obra literária infantil é verificar se ela contém o fantástico, o mágico, o maravilhoso, o poético”.

Segundo a autora, a literatura infantil, além de oferecer situações agradáveis para o educando, também deve fazê-lo pensar, refletir, de acordo com a mensagem apresentadas claramente ou de maneira implícita no livro.

A autora mostra-nos que todos os teóricos que refletem sobre a literatura infantil tratam-se como uma “arte”, pois a mesma representa o mundo, o homem e a vida, através da palavra.

OLIVEIRA (1996:24) ainda nos diz que:

“O recurso à leitura de obras de literatura infantil, além de rica estratégia educativa na formação de alunos, apresenta-se com a mesma propriedade em relação à formação do próprio professor, nunca acabada e em constante processo de construção, ao longo de sua prática pedagógica”.

O professor deve ter clara a importância do ato de ler e saber estabelecer relações entre a leitura e o educando, com o objetivo de ampliar o conhecimento dos alunos e o seu próprio. O educador deve ter consciência de que trabalhar a leitura exige dedicação, trabalho e mediação. O educador precisa ler muito, gostar de ler com as crianças, saber ouvir a leitura, ainda tímida e descompassada que seus educandos realizam. O professor deve possibilitar às crianças explorar dimensões não usuais do imaginário coletivo e individual de cada uma. Isso, para que a leitura se desenvolva com todo o vigor entre as crianças menores.

A preocupação central do educador deve ser oferecer dinâmicas de leitura para que a criança desperte para o mundo da leitura de maneira prazerosa.

OLIVEIRA (1996:27) salienta que:

“A literatura infantil deveria estar presente na vida da criança como está o leite em sua mamadeira. Ambos contribuem para o seu desenvolvimento. Um, para o desenvolvimento biológico; outro, para o psicológico, nas suas dimensões afetivas e intelectuais”.

A literatura infantil é algo mágico e encantador, capaz de levar o leitor a ampliar sua criatividade e seus conhecimentos, podendo até transformar a realidade quando é trabalhada de forma adequada.

A autora apresenta-nos os aspectos formativos que a literatura propicia: Através da beleza do texto e do livro, a leitura se torna fonte de prazer. A leitura-dever que serve apenas para responder a questões sobre o texto torna-se enfadonha para o educando. A leitura como castigo é a pior forma, pois é esta a principal responsável pelos alunos que não gostam de ler.

Sabemos que alguns educadores ainda utilizam a leitura como uma forma de punição para aquelas crianças que não se comportam dentro da sala de aula. Isso jamais pode acontecer, pois a leitura empregada erroneamente causa traumas para a criança pelo resto de sua vida. Essa não é a função da leitura, mas sim, provocar risos, emoções e interação entre a criança e o livro. A verdadeira literatura trabalhada na sala de aula desperta o gosto e a vontade de ler novamente os mesmos livros.

FREIRE (1999:27) chama a nossa atenção dizendo que:

“Só educadoras e educadores autoritários negam a solidariedade entre o ato de educar e o ato de serem educado pelos educandos: só eles separam o ato de ensinar do de aprender: de tal modo que ensina quem se supõe sabendo e aprende quem é tido como quem nada sabe”.

Dessa forma, o professor não pode empregar o ato de ler como uma forma autoritária. Ele deve, sempre que for trabalhar com a leitura, preparar o ambiente, tornando-o agradável e convidativo para a criança. Um ambiente bem preparado desperta na criança o prazer de ler, bem como, amplia o domínio dos níveis de leitura.

Quando o professor leva as crianças à biblioteca, deve prestar bem atenção para que as crianças tenham livros à altura de seus olhos. E livros atrativos!

É de suma importância que o professor crie momentos de conversas informativas sobre o surgimento do livro, ou seja, contar aos alunos um pouco de sua história, isto é, como surgiram os primeiros livros? Como eram? Quem os escrevia?

Para que a criança interesse pelos livros é importante que o professor lhe ensine a significação da leitura para o desenvolvimento intelectual do homem. Esse trabalho deve ser feito pacientemente para que o educando sane todas as suas dúvidas.

OLIVEIRA (1996:49) enfatiza:

“A literatura infantil, com suas propriedades formativas, constitui fértil possibilidade para esse intercâmbio. Enquanto produto cultural, ela interfere na cultura do aluno, reforçando-a, negando-a ou provocando nele, de diferentes formas, novos conhecimentos e uma reelaboração de sua visão de mundo”.

Segundo a autora, a literatura infantil tem o objetivo de explorar o processo de comunicação entre o livro e o educando. O professor deve ser o mediador desse processo de construção do conhecimento, ou seja, dessa troca cultural entre o leitor e o livro. É através dessa mediação que o aluno aprenderá a confrontar a fantasia com a realidade, através da literatura infantil. Necessário se faz que a escola procure mecanismos para conscientizar o educando sobre a importância da leitura, pois a partir da terceira série do ensino fundamental, os educandos já possuem certa visão de mundo e capacidade para compreender o meio onde vivem. O educador deve esforçar-se para mostrar aos alunos que os mesmos são sujeitos, capazes de se construir intelectualmente, de avançar em busca de novos conhecimentos, capazes de agir, de aprender, etc. Caso a escola não se atente para esse despertar do educando, o mesmo permanecerá passivo e portador de uma consciência ingênua. A literatura infantil explora os processos de comunicação, pois quando a criança lê, há confrontação de visões de mundo entre o leitor e o autor. A partir disso, o aluno desenvolve sua capacidade crítica.

Durante esse processo de leitura, o educador deve favorecer comentários espontâneos sobre a leitura realizada propiciando reflexões, questionamentos, formulação de hipóteses a respeito da significação do que leu. Aprofundar os comentários espontâneos, extrapolando o texto, levando às concordâncias ou discordâncias, de acordo com a vivência do aluno. Explora a sonoridade, a beleza e o ritmo de um texto estimulando os alunos a perceberem e a se manifestarem quanto aos seus aspectos poéticos, quer em prosa, quer em verso, favorecendo, além, do crescimento intelectual, o desenvolvimento da sensibilidade.

OLIVEIRA (1996:51) nos fala claramente sobre o assunto:

“Ao lidar com a literatura infantil em sala de aula, o professor estabelece a relação dialógica com o aluno, com sua cultura e com sua realidade quando, para além de contar ou ler a história (informar aos alunos sobre ela). Criam-se condições para que eles lidem com a história a partir de seus pontos de vista, trocando impressões sobre ela, assumindo posição”.

ABRAMOVICH (1993:17) concorda dizendo: *“É através duma história que se pode descobrir outros lugares, outros tempos, outros jeitos de agir e de ser, outra ética, outra ótica”.*

Portanto, ler deve ser uma atividade diária da escola e no seio da família, para que a criança veja essa prática como algo que faça parte de sua vida. A escola deve engajar-se nessa luta e o professor precisa atualizar-se e usar metodologias capazes de promover o interesse pela leitura. A escola precisa contar com uma política educacional que priorize a leitura, dando realmente acesso à cultura. Só assim teremos mudança no campo da leitura que atingirá a criança.

CAPÍTULO V

5 – ANALISANDO O TRABALHO COM A LEITURA NAS TERCEIRAS SÉRIES DO ENSINO FUNDAMENTAL

Para analisar o trabalho com a leitura nas terceiras séries do ensino fundamental, realizamos observações e entrevistas com o professor e alunos de duas escolas municipais de Campo Novo do Parecis.

Primeiramente, dirigimos às escolas e explicamos a finalidade do meu trabalho para diretores e professores do estabelecimento que lecionam para a terceira série.

Em seguida, realizamos as entrevistas com os professores e com os alunos da terceira série. Todos se mostraram entusiasmados com o trabalho.

Após analisar os dados coletados, podemos perceber que alguns dos professores não tinham consciência da importância real da leitura para a vida do educando. Sabiam que era importante aprender a ler, porém desconheciam a leitura enquanto formadora da criança, ou seja, como um recurso que auxilia na melhoria do aprendizado da língua materna. Que possa desenvolver os comportamentos desejados e valorizados, que ajuda na compreensão do mundo e que desenvolve a postura crítica.

Todos os professores selecionados fizeram o Ensino Superior. Dentre estes, a maioria fez o curso de Pedagogia. Todos os que fizeram curso superior consideram importante o trabalho com a literatura infantil dentro da escola.

Nas duas escolas onde realizamos o trabalho não havia bibliotecas adequadas para as crianças, mas sim, um cômodo onde se guarda vários tipos de livros didáticos. Os

cômodos possuem apenas as prateleiras com os livros. Em uma das escolas, esse local também serve como saca de vídeo.

Podemos perceber que existem poucas obras literárias à disposição dos professores e educando.

A maioria dos professores disse que há uma grande relação entre a leitura e a escrita, ou seja, a partir do momento em que a criança lê bons livros, ela será capaz de produzir bons textos.

Quanto aos tipos de livros que os alunos lêem com mais frequência, todos os professores responderam ser o livro didático.

Os professores disseram que, embora as escolas não disponham de boas obras da literatura infantil, a maioria dos alunos gosta de ler. Alguns falaram sobre a importância. De fornecer aos alunos informações prévias sobre livro ou texto que vai ser lido, quanto ao autor, título, capa e assunto. Segundo eles, essas atitudes fazem com que a criança se interesse pelo livro ou texto que vai ser lido.

Todos concordaram que as escolas devem possuir uma boa biblioteca para uso, tanto dos professores como dos alunos. Disseram também, que as escolas devem possuir projeto para incentivar a leitura, pois os mesmos auxiliam o professor a trabalhar de forma coerente e agradável para a criança.

Os professores disseram que os meios de comunicação atrapalham muito a realização da leitura, em casa, pela criança, pois a televisão ocupa a maior parte do tempo das crianças quando estas não estão na escola. Há necessidade de que o professor busque caminhos para conscientizar a criança sobre a importância da leitura, bem como, trabalhá-la de maneira que o educando aprenda a gostar de ler.

Dessa forma, verificamos que a qualidade do trabalho desenvolvido por alguns professores com a literatura infantil junto aos alunos encontra-se em situação inferior devido à falta de bons livros, porém, a maioria procura adotar dinâmicas de leitura para enriquecer e tornar suas aulas atrativas para os alunos.

Presenciamos algumas dinâmicas como:

- Leituras coletivas de contos, lendas e textos variados.
- Leitura de matérias conseguidas pelos alunos.

- Dramatizações.
- Trabalhos com poemas.
- Leitura de algumas obras literárias clássicas como: “O Patinho Feio”. “Cinderela”. “A Bela Adormecida”, o Gato de Botas”, etc.
- Leitura de textos informativos sobre os temas em estudo.

Percebemos que os professores tentam estimular a criança para a leitura, porém falta-lhes um preparo adequado e uma concepção de leitura mais ampla.

Ao analisarmos os dados coletados dos alunos, percebemos que grande parte deles, quando argüidos sobre o motivo pelo qual querem aprender a ler, suas respostas refletem bem a necessidade de poder, no futuro, trabalhar para garantir uma estabilidade financeira, conceito este presente em grau maior nas classes menos favorecidas. Assim, a leitura passa a ser avaliada em função de interesses utilitários.

Desestruturar os conceitos predominantes implantados na sociedade sob os moldes da minoria favorecida deve ser a bandeira de luta do educador preocupado com as mudanças sociais que favoreçam a maioria. E, através de uma prática pedagógica mais definida para a concepção literária e transformadora o educador poderá estar proporcionando ao educando os meios adequados e capazes de formas no aluno a consciência correta de sua importância na sociedade, a qual será subsidiada a partir da leitura compreensiva e crítica de bons textos e fatos presentes em seu cotidiano.

Cabe ao professor, desde os primeiros momentos do ensino-aprendizagem, realizar um trabalho portador das características devidas, capaz de despertar no aluno, desde cedo, a consciência da real necessidade da leitura em sua vida com um se que participa de uma sociedade com muitas contradições. E que, desta forma, possa sentir-se bem ao realizar leituras, bem como, ser capaz de entender as implicações sócio-culturais que permeiam as mesmas.

SILVA (1991:75) mostra-nos claramente que:

“Para a compreensão da história (Individual e social), a leitura exerce um papel de fundamental importância, pois que, sem a atribuição de significados aos fenômenos do mundo e as diferentes linguagens que o expressam, seríamos incapazes de nos situarmos no contexto social e buscarmos a verdade, ou seja, nosso crescimento enquanto seres humanos”.

Tendo clareza de seu papel no processo educativo o professor criará situações significativas que darão condições à criança de apropriar-se de um conhecimento para

desenvolver uma prática de leitura em busca da sua autonomia. Nesse sentido, compete ao professor ajudar os educandos a conquistarem esse comportamento, oferecendo meios necessários para tal conquista.

É de suma importância que os educadores mostrem que a leitura é um meio que o ser humano tem para buscar mais conhecimentos sobre a realidade, pois é através da leitura que deciframos os registros da cultura. O professor que compreende a leitura de maneiras mais abrangentes consegue promover e dinamizar o processo de leitura em seu educandos.

A maioria das crianças quando chegam à escola enfrenta a rotina das metodologias tradicionais e isto permite que a mesma atribua sentidos vazios às letras e sílabas trabalhadas. Aquela crianças que vem, portanto, de experiências prévias adquiridas em seu ambiente, e que dão importância à leitura pensando ser a forma de resolver situações específicas, quando são conduzidas a analisar a escrita através da decodificação das letras e sons, ficam sem interesse, pois imaginavam o momento da leitura, bem diferente da prática realizada nas escolas.

Diante desse quadro, podemos citar SILVA (1991:96) dizendo:

“A leitura não pode ser confundida com decodificação de sinais, com reprodução mecânica de informações ou com respostas convergentes a estímulos escritos pré-elaborados. Esta confusão nada mais faz do que decretar a morte do leitor, transformando-o num consumidor passivo de mensagens não significativas e irrelevantes”.

Este mesmo autor, acima citado, alerta para *“Lembrarmos que as crianças nunca chegam à escola num estado de ignorância, mas podem chegar analfabetos. Elas talvez não saiam analfabetas, mas podem sair ignorantes”.* (Idem, p. 97).

O que o autor escreveu é uma realidade continuamente constatada, pois, muitas vezes a escola apresenta à sociedade um conhecimento descontextualizado e desnecessário. Perde-se longo tempo com um ensino que não leva a uma aprendizagem significativa. Mas isto pode ser mudado a partir da criação de novas políticas educacionais que visem a melhoria na formação cultural do indivíduo que hoje atua como sujeito em uma sociedade contraditória e em constantes mudanças.

Assim, aprender a ler começaria a ser entendido pelas crianças das camadas populares como o caminho que vai conduzi-las para o entendimento da sociedade e ajuda-los a serem cidadãos críticos, participativos e transformadores das atuais leis vigentes; a leitura seria por eles entendida como forma de se fazer respeitar como cidadão.

Leitura é cultura, por isso não há desenvolvimento individual possível à margem da sociedade e da cultura.

Portanto o ato de ler é indispensável no dia-a-dia da escola e, como já vimos, é necessário incentivar esse hábito. No “Era uma vez...” estão presentes os sonhos, as viagens imaginárias, os super-heróis, o mundo encantado do “País das Maravilhas” tão da criança e, por que não, às vezes até do adulto?

Algumas sugestões para o ensino da leitura na sala de aula

O papel do educador é aproveitar-se de todos os meios possíveis para desenvolver o hábito e o prazer pela leitura. Assim, SORDI (1991:5) dá as seguintes sugestões para que o professor desperte nos alunos o gosto pela leitura:

“... que as crianças façam visitas à biblioteca e que conheçam seu funcionamento. Esse primeiro encontro deverá ser agradável, descontraído, afetuoso, de forma que permaneça no aluno sensação de bem-estar”.

Segundo a autora, o educador deve observar se o livro escolhido pelo aluno é adequado ao seu grau de desenvolvimento, bem como colocar propagandas na sala de aula e nos murais da escola sobre os livros mais interessantes; colocar cartazes com slogans nas paredes da escola; criar a hora do conto dentro e fora da sala de aula, ao ar livre; levar jornais e revistas para a sala de aula a fim de que os alunos manuseiem e leiam reportagens e artigos interessantes. Isso porque os alunos precisam saber ler diferentes tipos de texto nas diferentes tarefas que a vida escolar lhes coloca. Cabe ao professor criar diferentes situações de aprendizagem onde seus alunos aprendam a lidar com eles, ou seja, com textos informativos. Através da leitura de jornais, o aluno da 3ª série entra em contato com diversos tipos de textos, tais como a informação veiculada por escrito, a entrevista, a explicação científica e o comentário de teor subjetivo e pessoal.

Teatros e dramatizações são sugestões que auxiliam a criança a desenvolver sua competência de falante e de leitora, pois é um estímulo à pesquisa de cunho histórico e social, é uma forma natural de brincar, interpretar e refletir.

O professor pode introduzir a leitura de enciclopédias, ensinando seus alunos a usarem essas publicações, como um apoio à pesquisa, como também pode fazer com que eles a compreendam enquanto um gênero da escrita.

Aproveita as datas comemorativas, trazendo para os alunos textos informativos sobre as mesmas. Pedir para que os alunos também pesquisem informações, curiosidades sobre as datas e as leiam para os colegas.

Criar na sala de aula os cantos de leitura com materiais conseguidos pelo professor e pelos alunos.

A poesia deve estar sempre presente nos momentos de leitura. Deve ser bem tratada pela escola, por isso, o professor deve escolher trabalhos de grandes autores para séries iniciais. Que sejam instigantes, lúdicas, provocadoras e que tenham figuras e imagens bonitas.

O importante é que as atividades de leitura não camuflem riscos sérios de alienação da mesma.

Sobre o trabalho com poesias, SORDI (1991:11) coloca-nos que:

“A poesia para crianças, assim como a prova, tem que ser, antes de tudo, muito boa! De primeiríssima qualidade!!! Bela, comovente, cutucante, nova, surpreendente, bem escrita... Mexendo com a emoção, com as sensações, com os povos, mostrando algo de especial ou que passaria despercebido, intervindo a forma usual de a gente se aproximar de alguém ou de alguma coisa... Prazerosa, divertida, inusitada, se for a intenção do autor... Prazerosa, triste, se for a intenção do autor... Prazerosa, gostosa, lúdica, brincantes, se for a intenção do autor....”

As atividades que envolvem o rico mundo imaginário ajudam as crianças a se expressarem livremente, contribuindo para que demonstrem seus sentimentos e emoções, desenvolvendo a criatividade e novas formas de expressão.

Todas as atividades em conjunto são muito importantes para a socialização e o desenvolvimento da criança. Por isso, toda e qualquer oportunidade de trabalho em grupo deve ser aproveitada.

CUNHA (1991:48) apresenta algumas situações que vivemos com muita frequência:

“É extremamente comum o adulto argumentar que lê pouco (ou não lê) por absoluta falta de tempo (ou que só lê aquilo que tem ligação direta com sua profissão). É constante a afirmação feita pelo adulto de que o cansaço impede qualquer leitura, ao fim de um dia de trabalho. Frequentemente, o adulto confessa que não tem sua própria biblioteca e que raramente vai a uma delas, ou a livrarias. O adulto impinge à criança determinada leitura, na suposição de que por conta própria, ela não chegará ao livro. É cada vez mais freqüente a utilização de jogos e outras atividades para fazer o aluno se interessar pela leitura de determinada obra literária. A própria biblioteca tem diversificado suas atividades, incluindo jogos, músicas, danças, etc., menos como filosofia de integração de linguagens do que uma forma de “chamar” a criança ao reduto do livro. É por demais conhecer a incrível reação dos adultos ao preço do livro (de literatura, em especial) enquanto brinquedos, de utilidade ou utilização menos ou outros produtos supérfluos são adquiridos sem qualquer queixa”

Fica evidente que se não tomarmos consciência ou imitirmos estas situações não seremos e nem formaremos bons leitores.

É de suma importância que a escola combata a leitura mecânica, pois esta valorizada excessivamente os elementos formais do texto: dicção, velocidade, pontuação, entoação, paragrafação. É importante que o professor provoque situações desafiadoras como estímulo à leitura; que evite as atividades rotineiras e sem significado; que trabalhe textos diversificados adequando-os às exigências psicológicas do leitor.

Para um melhor trabalho com a leitura, é preciso que o professor tenha embasamento metodológico para o ensino da leitura. Ele deve entender a leitura enquanto um processo de compreensão do mundo, das pessoas e das coisas. Isso para que o educador possa encontrar meios para a promoção da leitura na escola.

SILVA (1991:47) enfatiza que:

“Assim aquilo que sei ou penso sobre o ato de ler ou, ainda, a forma pelo qual concebo ou leio a leitura enriquece ou empobrece, dinamiza ou paralisa dirige ou desvia, conscientiza ou serve para abanar as ações relacionadas com a formação de leitores”

Aí está colocada claramente a importância de o professor ter conhecimentos, estar sempre se atualizando e refletindo sobre o seu papel enquanto educador na tarefa de motivar os seus educandos, a adquirir gosto pela leitura, pois dele depende o sucesso ou insucesso do aluno na ampliação do prazer de ler.

Considerando essas afirmações SILVA (1991:109) também dá sua sugestão dizendo:

“Parece-me que a condição básica para ensinar o aluno a ler diz respeito à capacidade de leitura do próprio professor. Mais especificamente, para que ocorra um bom ensino da leitura é necessário que professor seja ele mesmo, um bom “leitor”. No âmbito das escolas, de nada vale o velho ditado: “Faça como eu digo (eu ordeno); não faça como eu faço (porque eu mesmo não sei fazer!) – isto porque os nossos alunos necessitam do testemunho vivo dos professores no que tange à valorização e encaminhamento de suas práticas de leitura”.

“Assim sendo, formação precária de muitos profissionais que lecionam para as séries iniciais que não são leitores, tendo, no entanto, que ensinar a ler e a gostar de ler é um dos importantes aspectos que influi e contribui para o fracasso da escola no que se refere à formação de bons leitores”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao realizar esse trabalho concluímos que a leitura nos oferece um universo de possibilidades, pois precisamos dela para melhorar nossas condições de trabalho, de saúde, de vida. Auxilia-nos a compreender o ambiente e a utilizar bem a natureza. Ajuda-nos a valorizar a nossa cultura e nos oferece informações úteis para resolver nossos problemas cotidianos, levando-nos a agir com mais independência.

Assim, é de suma importância que a escola mostre, principalmente, que a leitura é o aspecto fundamental para que possamos defender-nos contra a supremacia das elites, bem como, da massificação executada pela mídia.

Salientamos que a leitura é o principal instrumento que a escola possui para a conscientização do educando, pois a ciência e a cultura chegam às escolas através dos livros. Para isso, os educadores devem saber como trabalhar a leitura, ensinando os alunos a ler as entrelinhas, ou seja, não apenas decodificar os símbolos, mas entender a mensagem de forma profunda e reflexiva. Isso fará com que o educando adquira diferentes pontos de vista e cresça em experiências.

Segundo Lopes e Mendonça (1994:81)

“A leitura, por ser objeto de interesse comum a diferentes disciplinas do saber científico, constitui-se questão e tema para múltiplas abordagens e possibilidades de troca, numa perspectiva interdisciplinar”.

Através das palavras da autora percebemos que a leitura é uma atividade que permite a ampliação de conhecimento do leitor de forma gradativa, ou seja, quanto mais estiver em contato com a leitura, mas ele terá oportunidade de crescer intelectual e

culturalmente porque ler é reagir. Dessa forma, é necessário que não nos esqueçamos de uma coisa: não basta que o aluno compreenda o sentido do texto, é preciso, sobretudo, que o interprete, que o julgue, que o avalie.

GNERRE, (1985:25) afirma que:

“A maior herança que a escola pode deixar a um aluno é a capacidade de ler e o gosto pela leitura. Se o aluno passa pela escola e aprender um pouco, mas for um bom leitor, ele terá nos livros e revistas, uma prolongação da escola e poderá se desenvolver muito além do que a escola esperaria de um aluno ideal”.

Assim sendo, percebemos a importância do professor ter claro suas concepções de leitura e traçar na história do educando as principais linhas de um bom leitor. É de suma importância que educador seja um grande colaborador e mediador entre o aluno e o saber.

Ao realizar as observações em duas escolas, percebemos que a leitura não é motivo de riso, de alegria, de prazer, de descoberta para muitos alunos. Verificamos também que falta às escolas livros adequados e atrativos às crianças, ou seja, livros de diversos gêneros que oferecem leituras informativas e recreativas. As dificuldades para trabalhar com a leitura da sala de aula originam-se na falta de conhecimento de professores quanto às finalidades da leitura enquanto transmissora de saberes, formadora de conduta, meio de comunicação, estimulante da moral, dos bons sentimentos, do amor pelas coisas do espírito, do bom caráter, do respeito, enfim, cultivadora de todos os valores morais, espirituais e intelectuais.

Constatamos também que falta, por partes de alguns professores, a busca da superação entre a dicotomia teoria e prática no tocante ao trabalho com a leitura. Finalidades educativas expressas no ensino da leitura ficaram reduzidas à fragmentação e sem devida contextualização dos textos, carentes de significação, o que impressa uma concepção de leitura escrita à codificação.

É evidente que iniciativas eficazes foram comprovadas nas duas escolas e preferimos com que estas estão sendo repassadas para outros educadores que trabalhavam com o ensino da leitura.

Dessa forma, concluímos que a capacidade de criar é uma qualidade espontânea e natural da criança. Se a criança tiver seu espaço respeitado, cresce e jamais regride. Por isso, é primordial que o professor estimule constantemente as capacidades naturais educando, valorizando suas experiências de vida e incentivando-a através de

metodologias adequadas para que a mesma aumente cada vez mais suas experiências de expressão criadora e suas habilidade de leitura.

Portanto, cabe aos educadores possuírem uma clara definição da dimensão política e educativa do seu trabalho para oportunizarem a leitura como atividade que atenda as necessidades básicas das crianças (diversão e fantasia), como também, que contribua na formação do caráter e no desabrochar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil**. Gostosuras e bobices. São Paulo: Scipione, 1993.

CARVALHO, B. V. **A leitura infantil**. 5. ed: São Paulo: Global, 1987.

CUNHA, Maria Antonieta Antunes. **Literatura infantil: teoria e prática**. São Paulo: Ática, 1991.

FERREIRO, Emília. **Alfabetização em processo**. 11. ed. São Paulo: Cortez, 1996.

FRASÃO, Manuel José Pereira. **Cartas do professor da roça**. Rio de Janeiro: Typ. Paula Brito, 1963.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em 3 artigos que se completam**. 37. ed. São Paulo: Cortez, 1999.

GNERRE, Abaurre at alii. **Leitura e escrita na vida na escola**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. São Paulo: Ática, 1993.

MENDONÇA, Ângela Tereza Lopes e Rosa Helena. **Horizontes da leitura**, In: Boletim “Salto para o futuro”. Série VI. 1994

MOLINA, Olga. **O livro didático e as habilidades de leitura**. São Paulo: Cortez, 1982.

OLIVEIRA, Maria Alexandre de. **Leitura prazer: intenção participativa com a literatura infantil na escola**. São Paulo: Paulinas, 1996.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **De olhos abertos: reflexões sobre o desenvolvimento da leitura no Brasil**. São Paulo: Cortez, 1991.

SMOLKA, Ana Luzia Bustamante. **Anca na fase inicial da escrita: alfabetização como processo discursivo**. 6. ed: São Paulo: Cortez, 1993.

SORDI, Rose. **Magistrando a língua Portuguesa**. São Paulo: Moderna, 1991.

ZILBERMAN, Regina. **Literatura infantil brasileira: histórias, autores e um Brasil para crianças**. São Paulo: Global Universitária, 1988.